M.P.Haickel

O Funcionário

© *2014 by* M.P.Haickel

Internet:**mphaickel@gmail.com**

Ficha Técnica:
Vista d'olhos: Índio
Montagem: Elton José
Impressão: AlfaGrafics
Tiragem: Por demanda
Arte Final: M.P.Haickel.

Ficha catalográfica:
H149f - Haickel, M.P.
O funcionário / M. P. Haickel. São Luís.
56p.
1. Literatura Brasileira - Novela
2. Literatura Maranhense - Novela
I. Título.
CDD --869.93.

CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE
SÃO LUÍS - MA - BRASIL.

Dedicatória:

Esse *folhetim* é fruto dos meus tempos de Universidade e de redação de jornal, em especial o *Jornal Pequeno* que me proporcionou o convívio com pessoas que, mas do que estarem aptas a me estenderem a mão, me propunham desafios que me ensinaram boas coisas na vida. Não sei explicar o sorriso no rosto dos meus amigos bem como aceitar suas lágrimas...

Também atribuo em boa parte às cachaças do Batista, onde muitas vezes me enebriava em uma esperança que carrego comigo e agora divido-a com vocês, meus queridos leitores e, se assim o faço, é por acreditar que lhes servirão de reflexão, dado que é tudo literatura, quaisquer semelhanças com nomes, fatos e acontecimentos é mera semelhança...

Dedico este livro *in memoriam* ao Normando Rodrigues, ao Joacy James e Índio (Kleber).

O funcionário

"Pobreza é sofrer, mais do que as outras pessoas o efeito devastador da corrupção no poder público."

Ralf Kuntz, 58, jornalista,sobre o livro, A Voz dos Pobres - Alguém nos ouve? (Banco Mundial).

Ninguém é tão pobre espiritualmente que não possa, pelo menos uma vez ao dia, olhar para o céu e Ter uma idéia viva e boa, elevada e construtiva. O prisioneiro que, no caminho para o trabalho, repete, mentalmente, um verso estimulante, cantarola uma bela melodia, pode estar mais intimamente de posse desses bens consoladores que muitas pessoas animadas, que já há muito se cansaram de suas belezas e doces encantos.

Hermann Hesse - A arte dos ociosos (1915)

Capítulo I

Praticamente a vida inteira vivera daquela maneira, tanto que se acostumou. Embora a rotina de trabalho não exigisse muito, a autarquia por último esbanjava em luz e ambiente, doravante faltasse até papel para protocolar o exercício diário. A conduta indelével levou toda sua juventude, tempo importante da vida de qualquer um que se lhe assemelhe, e fora justamente na adolescência para ser mais preciso que a realidade terceiro mundiça colou em seu rosto o cartaz da submissão e violência.

Quando tinha um pouco mais de 11 anos e se vira obrigado a abandonar as brincadeiras para acordar cedo e trabalhar; a ter fé e acreditar em dias melhores, muito embora, hoje soubesse que não é assim simplesmente: sonhar, e saber na educação, que essa, sim, é que deveria ser a via direta, que serve de igual para todos. Mas a vida lhe impunha uma realidade política desgraçada, aliás, na prática de sua vida viu seu pai assassinado por divergências políticas na pequena vila onde morava, no sertão brasileiro.

Seu pai levava-o pela mão. Parou na entrada, suspirou e decidiu entrar na quitanda: "Menino te aquieta aí!" ordenou e ele obedeceu sentando no batente perto da porta a espera da condução. O dia fazia um calor de rachar, de cegar os olhos. Havia um zunido de mosca varejeira misturado com o guinchar de porcos e cacarejos de galinhas, bicando o acaso no quintal. Cisca, cisca e pia, o cheiro de pinga embaralhava o ambiente. A cabroeira toda lá, bebendo e se divertindo, cuspindo no chão, tomando gosto com as mulheres, puxando conversa com as crianças. No que se levantou para pegar um bombom que lhe ofereceram; com o coraçãozinho apertado, sem maldade, levou um cóqui e uma repreensão. Seu pai desceu a mão. Parecia não ter aprendido que não se aceita bombom de gente estranha.

No meio do dia, o sol estava mais quente, a cabroeira encenava pingando fogo no prefeito, bate-que-bate que é ladrão, que ninguém faz nada, mais uma dose; cospe no chão que é pra onde vai toda gente, que se tivesse no lugar do prefeito estaria também roubando que nem ele, que o Brasil não tem jeitinho que dê jeito e o pai já queimado, com algumas na cabeça, num gesto inesperado,

batendo no balcão, assim perto de onde estava a cabroada, disse que não, que as coisas não poderiam ser daquele modo a vida inteira; advertira para mais uma seca e outra e outra. Falou de uma questão de consciência; indagou como é que ficaria a cidade se os que ali se encontravam não sabiam a dimensão da sabedoria; anteviu uma visão de política que não fosse em moldes coloniais, em práticas de servilismo, onde a pobreza imperava mais a cada passar de ano e demagogos da militância política, verdadeiros abutres serviam-se do país para exercício de ganância e poder.

Um dos cabras era aparentado com o dito prefeito. Revirando os olhos topou com a fala do pai. Traiçoeiro que nem cobra, tratou logo de arrumar uma cascaria discordando com tudo que o pai dizia.

O sol ia esquentando mais, passando de meio-dia. A discussão ia tomando rumo... o pai falava e a cabroada relutava em ouvir, o filhinho não entendia, naquela época pequenino que era e tratado a pescoção, levando cóqui pra aprender, feito chapéu de marreta.

Porrada foi no que deu. Quando depois de tomar gosto e mais uma dose, o filho duma égua inespera-

damente partiu pra cima do pai, que estava de costa, apoiado ao balcão. O filho saiu da porta e se meteu no meio. Pegou um safanão, um chega pra lá nesse moleque! O pai se enfezou, respondeu com um bogue na cara do cabra. A cabroada se alvoroçou, era zunido feito de cachopa de marimbondo, todos de fogo.

Aquele calor insuportável só viria estancar com sangue do paizinho, de um vermelho quase preto, de olhos abertos pro nada, no chão batido da quitanda. Mas um tombou com ele, dias depois; é que o pai ainda teve tempo de rasgar-lhe as tripas com a peixeira.

Às vezes pareço escutar o adágio da confusão: "política, religião e futebol não se discute".